



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Lucas Mendes de Gusmão

REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE

BRASÍLIA

2017

Lucas Mendes de Gusmão

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília como
requisito para a obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE

ORIENTADORA: Profa. Dra. PATRÍCIA LIMA MARTINS PEDERIVA

BRASÍLIA

2017

Lucas Mendes de Gusmão

REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília como
requisito para a obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª PhD. Patrícia Lima Martins Pederiva - Orientadora
Departamento de Métodos e Técnicas/FE/UnB

Daniela Barros Pontes e Silva
Doutoranda em Educação PPGE/UNB

Saulo Pequeno Nogueira Florencio
Doutorando em Educação PPGE/UNB

Maria Aparecida Camarano Martins
Doutoranda em Educação - PPGE/UNB (Suplente)

Data da aprovação: ____/____/____

SUMÁRIO:

EPIGRAFE.....	5
AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIA.....	6
MEMORIAL.....	7
PARTE 1	11
PARTE 2.....	18
PARTE 3.....	24
CONCLUSÃO.....	32
PERSPECTIVAS FUTURAS.....	33
REFERÊNCIAS.....	34

EPÍGRAFE

**TODAS AS VIVÊNCIAS QUE ESTAMOS EXPERIENCIANDO E TODAS AS
EXPERIÊNCIAS QUE ESTAMOS VIVENDO TERÃO INFLUÊNCIAS EM
NOSSAS ESCOLHAS.**

PATRÍCIA PEDERIVA

AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIA

Gostaria de começar agradecendo a todas as pessoas que acreditaram em mim, me mandaram boas energias e torceram pela minha conquista. Queria agradecer também a Universidade de Brasília, pela oportunidade de me fazer chegar até aqui. O curso de pedagogia e o PET EDUCAÇÃO por me proporcionarem toda essa energia maravilhosa que é ser educador e poder ter o privilégio de atuar nessa área.

Gostaria de agradecer o universo por essa oportunidade de estar aqui nesse momento. Agradecer minha família, amigos e todas as pessoas que me fazem feliz.

Gostaria de agradecer especialmente a amiga, professora, tutora, e orientadora Patrícia Pederiva, que com todo seu carinho, atenção, cuidado e dedicação, acreditou no meu potencial e me ajudou a chegar até aqui. Você me inspira, obrigado por me proporcionar a alegria e a esperança de uma educação libertadora.

E, gostaria de agradecer ainda, Gabriel Sousa Gonçalves, a pessoa mais especial e incrível desse mundo que faz parte da minha vida atualmente. Além de ser meu namorado, e melhor amigo, é meu companheiro e meu coorientador dessa pesquisa. Obrigado pela sua paciência, dedicação, seu tempo, sua boa vontade, seus conselhos, seu carinho e toda sua contribuição, que foi de grande importância na construção desse trabalho.

Portanto, gostaria de dedicar esse trabalho para você. Te amo.

MEMORIAL

Para começar a falar sobre esse trabalho de conclusão de curso, vou contar um pouco da minha história e algumas experiências vividas dentro e fora do âmbito acadêmico. Vou contar um pouco sobre como os meus anos iniciais na escola foram traumatizantes e me fizeram chegar até aqui.

Apresento-me como Lucas Mendes de Gusmão, nascido no dia 20 de fevereiro de 1995, e criado no estado do DF na cidade Ceilândia, onde sempre morei com meus pais e minha irmã. Desde muito cedo passei por muitas dificuldades e sofri por diversos motivos, um deles é o alcoolismo do meu pai, que já faz tratamento há mais de 10 anos. Perdemos muito do que tínhamos conquistado, como casa e mobília, além do nosso dinheiro, que era gasto em grande parte com bebidas. Desde que ele encontrou os Alcoólicos Anônimos, conseguimos reconquistar pouco a pouco tudo o que havíamos perdido.

Me considero uma pessoa de sorte por conseguir seguir em frente mesmo com tantas dificuldades, e admiro a fibra e a coragem dos meus pais. Minha mãe nunca desistiu da nossa família, e sempre fez o impossível por todos nós. Hoje, meu pai é uma pessoa que administra seu próprio negócio e consegue nos ofertar coisas que um dia foram apenas sonhos. Minha irmã se casou em 2011 e atualmente, moro apenas com meus pais.

Mesmo dentro dessa realidade, nunca desisti de sonhar, e meu maior sonho sempre foi ser reconhecido. A arte, a música e a dança sempre fizeram parte da minha rotina, sendo que a dança sempre foi um dos meus hobbies preferidos. Durante o período escolar pratiquei alguns esportes, como voleibol e natação, e sempre me dediquei bastante, já que me sentia uma pessoa mais saudável e mais feliz.

Nunca consegui me adaptar a muitos grupos de amigos, já que sempre fui taxado como um garoto fora dos 'padrões', e em grande parte por culpa da escola. Esse doloroso processo se inicia aos meus seis anos de idade, quando entro na escola.

Em 2001 fui matriculado em uma escola pública da Ceilândia, a Escola Classe 15. A escolha desta escola foi feita pela minha mãe, já que grande parte da minha família estudou lá, e também por ser considerada uma

escola "modelo", além da localização, que era próxima a minha casa. Nesse mesmo ano comecei a frequentar meu primeiro ambiente escolar.

Fui matriculado na educação infantil aos 6 anos. Até então, não sabia nada sobre o que era estudar e o que era aquele espaço, onde estava tendo contato com tantas crianças, e tantas relações ao mesmo tempo. Tudo era muito novo, mas desde aquela época, eu já sabia que havia algo diferente comigo e comecei a perceber que recebia um tratamento distinto ao dos outros garotos. Me lembro que nesse primeiro ano e ainda muito pequeno, eu pensava e fazia coisas que eram consideradas fora dos padrões aceitos pela comunidade escolar, como por exemplo, querer participar das brincadeiras com as meninas, enquanto só meninos estavam na quadra jogando futebol.

Nos anos iniciais, da primeira à quarta série, várias mudanças e transformações aconteceram comigo, uma delas foi o quanto a minha vontade de poder estar sempre envolvido com as meninas e estar participando das brincadeiras delas, foi aumentando e era essencial para mim. Eu não entendia, naquele momento, o motivo pelo qual era oprimido e diminuído pelas professoras e alunos/as que estavam inseridos naquele contexto.

O trauma de não possuir uma residência fixa, e estar passando por tudo o que eu passava naquela época com a minha família, e principalmente as situações que aconteciam dentro da escola, fez com que eu não tivesse um bom desempenho durante alguns períodos naquela época. Tudo isso, somado ao fato de que sempre estive em fragilidade socioeconômica, fez com que cada vez mais eu fosse oprimido e não quisesse estar naquele espaço.

Juntando os problemas da minha família, da minha renda, e das minhas experiências como um garoto que já era intitulado como "bicha" ou "veadinho", eu não conseguia me ater nos conteúdos escolares. E, por esses motivos, sempre me vi com dificuldades de aprendizado, de interpretação e de áreas que eu até hoje não consigo absorver, como por exemplo as exatas.

A quarta série foi o auge da minha experiência traumática na escola. Apenas com dez anos de idade, fui inserido em uma turma onde a pedagoga me reconhecia como uma criança homossexual, e acreditava que isso provavelmente decorria de algum abuso sexual ou algo semelhante que eu havia sofrido, e óbvio, tratava isso como um grande problema, me impedindo rigorosamente de conviver com as garotas e me proibindo de participar de

qualquer brincadeira ou atividade que era considerada feminina. Uma suposta educadora que tentou impedir de todas as formas o meu desenvolvimento, tanto na escola, quanto na minha vida pessoal.

Apesar dos traumas e das marcas que carrego comigo até hoje, consegui passar por essa fase da minha vida, avançando para o ensino fundamental, onde tinha esperança de que a experiência escolar se tornasse mais fácil, mas, no entanto, meus problemas apenas se agravaram.

Chegando na sexta série, fui considerado logo de cara, pela equipe da escola e pelos professores, um dos piores alunos da sala. Nessa época, eu era privado até mesmo de participar do intervalo das aulas com os outros alunos. Por conta dessas situações traumáticas que me assustavam de uma forma imensa, eu acabei repetindo a sexta série.

Apesar das dificuldades, essa também foi uma fase de descobertas, e nesse tempo fui me aceitando como homossexual, o que acabou se tornando uma tortura, por conta da igreja e da religião que a minha família me obrigava a participar. Porém, com o passar do tempo, meus pais me deram o poder de escolha, e eu, claro, sabia que aquele espaço onde pregavam o preconceito e o radicalismo sobre tudo, não era o meu lugar, então optei por não seguir nenhuma religião, e assim faço até hoje.

Já no ensino médio, após tantas torturas sofridas durante todo o período escolar, vivenciei um dos momentos mais difíceis, onde tentei me encaixar em um padrão heteronormativo que não corresponde a quem de fato eu sou. Foi também o momento em que as pessoas mais se aproximaram de mim, já que agora eu desempenhava o papel que sempre foi esperado e que sempre tentaram me impor. Terminei o ensino médio e entrei para a Universidade de Brasília pelo PAS. Essa é a fase da minha vida que eu mais gosto, e eu sou muito grato por tudo o que a Unb me fez e me faz todos os dias.

Entre para o curso de ciências sociais em 2014, no entanto, acabei me decepcionado com o curso, pelo fato de não cumprir as minhas expectativas em relação ao currículo, então acabei desistindo. Diferente do que pensava naquela época, hoje percebo que foi uma experiência muito rica que meu trouxe bastante reflexão, e principalmente desconstrução, além de que foi cursando Ciências Sociais, que tive contato com minha primeira disciplina na área da educação, e que me fez conhecer a pedagogia.

A disciplina de educação infantil, e psicologia da educação, me fizeram entender o que eu queria fazer, o que eu queria estudar, e o que eu queria descobrir, e foi a partir desse momento que eu comecei a me dedicar a área da educação, então percebi que estava no lugar certo. No terceiro semestre do curso de ciências sociais, em 2015, fiz o vestibular para Pedagogia, e consegui a aprovação, fazendo a mudança de curso no mesmo ano.

Ainda um pouco perdido dentro da pedagogia, em 2016, entrei para o PET EDUCAÇÃO, que me fez entender e perceber que todos nós somos seres humanos de possibilidades. Foi onde acreditei em mim e me vi capaz de desenvolver projetos dentro da área da educação. No mesmo ano, tive meu primeiro contato enquanto educador em um espaço educativo, a Casa de Ismael – Lar da Criança, um espaço de acolhimento para crianças e jovens, e também um espaço onde se tenta cultivar a mentalidade desescolarizada na educação infantil.

Foi a partir das experiências dentro da casa de Ismael, junto com as minhas vivências, que encontrei um objeto de pesquisa, e um ponto de partida para poder me aprofundar. Dessa forma o objetivo dessa pesquisa é investigar de que maneira é tratado o tema da diversidade dentro desse espaço educativo.

PARTE 1

1.1 O processo perverso da escolarização

A escola é um fracasso. Sei que essa afirmação é muito forte, porém, assumo o risco de sustentar isso. É fácil perceber que as escolas da nossa sociedade estão divididas entre públicas e privadas, e como ambas, na maioria dos casos, estão tratando a educação como mercadoria. A escola deveria ser um espaço de vida, onde se constrói em conjunto as relações de aprendizado, ao invés de um “mercado de conhecimento”.

Para começar a análise sobre o processo de escolarização, é necessário abordar alguns conceitos de Illich em sua obra ‘Sociedade sem escolas’ (1979). Ele afirma que a escola tenta tomar para si a educação e desencoraja outras instituições que tentem assumir quaisquer tarefas educativas. Ou seja, a escola tenta fazer parecer que a educação só se faz possível dentro dela, eliminando espaços educativos como parques, centros culturais e até mesmo em casa.

Ainda de acordo com Illich (1979), não apenas a Educação, mas também a própria realidade social se tornou escolarizada. O ensino escolar obrigatório se espalhou pelo mundo todo, apropriando-se assim de tudo que pode ser importante na vida de uma pessoa, dessa forma, “A escola, por sua própria natureza, tende a exigir o tempo integral e todas as energias de seus frequentadores. Isso, por sua vez, transforma o professor em guardião, pregador e terapeuta.” (ILLICH, 1979, p.69).

ILLICH (1985), também traz o conceito de monopólio radical, que nada mais é do que a tentativa do controle das necessidades e das possibilidades de trabalho, saúde, educação e até do lazer, criando assim uma pseudo-dependência do ser social por algumas instituições. Quando se fala de monopólio da educação, também se fala em monopólio do saber, ou seja, o conhecimento e os saberes vão se transformando em produtos, apenas com o objetivo de diplomar e comercializar a educação como um todo. A escola tenta mostrar que a maioria do que se aprende é resultado do ensino escolar, quando na verdade a maioria das pessoas adquire seus conhecimentos fora dela. Portanto, a escola não é sinônimo de aprendizagem, e não deve ser tratada como tal, ela é apenas uma instrução para a escolha de circunstâncias

que talvez possam facilitar a aprendizagem (TUNES, 2011), mas que também pode falhar drasticamente nessa função.

A escola, nos moldes em que existe, pode não somente atrasar como também impedir o aprendizado, com suas regras e imposições que apenas desestimulam seus frequentadores, como nos mostra Tunes:

Antes do surgimento da escola tal como a conhecemos hoje, a aprendizagem era universal, no sentido que Ivan Illich (2002,2008) imprime a essa expressão: a busca contínua do saber e a relação gratuita e celebradora com ele, que ocorria de forma não padronizada e sem imposições regulamentadoras. Escolhia-se o que aprender, como, quando, com quem, e por quanto tempo” (TUNES, 2011, p.9).

Diferente de Illich, que conceitua a aprendizagem universal como gratuita, sem imposições e padrões, a escola impõe aquilo que o aluno deve estudar, além de determinar a forma e o tempo em que isso deve acontecer. De acordo com Vigotski (2001), o desenvolvimento acontece nas relações sociais, são nelas que as crianças se constituem enquanto ser humano, e não através de currículos padronizadores.

Quase todos os países latino americanos estão presos nesse sistema educacional que geralmente impossibilita as crianças de terem as mesmas oportunidades para se desenvolver durante a vida escolar, mesmo quando todas estudam na mesma escola. As oportunidades dadas às crianças de classes sociais desfavorecidas não se comparam, nem de longe, com as ofertadas para as crianças da elite (ILLICH, 1979). Portanto, podemos perceber o quanto o modelo educacional de mentalidade escolarizada traz consigo uma visão enrijecida da educação, privilegiando apenas a sociedade do consumo e a elite. Dessa forma, a escola atua então, não como um lugar de emancipação, mas sim, de reprodução da estrutura social imposta pelo capitalismo.

A escola é uma instituição menos eficaz ainda quando se trata da aquisição de habilidades que se distanciam do seu currículo, como por exemplo, aprender a cantar, a dançar e manifestar seu talento artístico, pois seu ensino é repleto de currículos engessados, ou seja, a escola está somente

interessada em trabalhar em conteúdos pré-estabelecidos que ela mesma julga importante, mesmo sem saber se isso faz sentido ou não para seus alunos. A sociedade está cada vez mais subordinada aos processos de escolarização, onde o professor exerce seu papel de autoridade na sala e os alunos entregam seus trabalhos a troco de notas para poder adquirir seu diploma, que supostamente, na sociedade moderna, representa muito conhecimento e pode gerar um futuro cheio de privilégios, seja ele financeiro ou profissional. Se não fosse por essa busca do sucesso, as pessoas realizariam a maior parte dos seus aprendizados fora da escola. (ILLICH, 1979).

É importante se atentar ao fato de que todos têm a capacidade de aprender a viver uma vida desescolarizada. Antes mesmo de entrar nos espaços educativos aprendemos a falar, a comer, a amar, a pensar, a sentir, a brincar, e tudo isso sem a suposta ajuda da escola. A escola nos ensina que precisamos dela para aprender, ela separa a educação da realidade, e essas deveriam ser inseparáveis. Ela internaliza na sociedade um sentimento de dependência, criando a ilusão de que se precisa dela para aprender. Além de não oferecer o aprendizado de diversas habilidades, ela ainda desestimula qualquer forma de aprendizado independente que parta do aluno.

É depositado na escola um alto grau de expectativas, e como essa instituição já nasce fadada ao fracasso, ela, de forma alguma, consegue superar as esperanças depositada nela pelas pessoas. É necessário então, nos atentarmos ao fato de que o aprendizado acontece pelas variadas formas de conhecimentos existentes em nossa sociedade. É nas vivências singulares de cada um que se constitui o conhecimento, sendo esse intransferível e irredutível a qualquer tipo de técnica que se possa criar para reproduzi-lo. A escola tomou para si uma função que sequer deveria existir, uma função que mais atrapalha do que traz benefícios. Ela se encarregou de padronizar e uniformizar o ensino e seus alunos através do seu currículo. (TUNES, 2011).

Desta forma, os convido a pensar em uma instituição com um foco totalmente novo. É preciso admitir o inesperado como rotina, tirando a centralidade do conhecimento curricular e abrindo as portas para um aprendizado artesanal e singular. É necessário que de fato se faça uma crítica radical à escola, como nos convida a refletir Elizabeth Tunes em sua obra "Sem escola, Sem documento".

A escola não está desenvolvendo o papel que se espera dela, não serve nem para os dias atuais e nem para o futuro, apenas fica dando voltas e regredindo ao passado. Todas essas críticas feitas, não são para empobrecer ou arruinar os espaços educativos, e sim para tentar mostrar o quanto esses espaços de mentes escolarizadas nunca funcionaram e nem funcionam;

A escola já não prepara para a vida, já não serve à vida, e está nisso sua definitiva e radical condenação. Cada vez mais, a formação verdadeira das crianças, sua adaptação ao mundo de hoje e às possibilidades de amanhã se praticam mais ou menos metodicamente fora da escola, pois ela não satisfaz mais a essa formação. (FREINET,1996)

Dessa forma, percebe-se que lidar com a realidade dos alunos não é um compromisso que está na agenda da escola. Os espaços escolarizados preferem encher seus alunos de conteúdos curriculares pré-programados ao invés de tratar de assuntos que dialogam com a realidade dos alunos, como por exemplo, o racismo, o machismo e a lgbtfobia. Dessa forma, a escola colabora para a criação e reprodução dos preconceitos, quando se omite em tratar desses assuntos que são de extrema importância, e além disso, assume um papel fundamental para a exclusão social desses alunos.

1.2 Exclusão social e os reflexos na escola

Vivemos em uma sociedade capitalista onde o desenvolvimento urbano e capitalista se expande a cada dia, fazendo assim, com que as pessoas menos favorecidas, sejam diretamente expostas e submetidas a exclusão;

Convivemos com um contingente de pessoas que procuram nas brechas do capitalismo uma oportunidade para sobreviver. São os ilegais, também chamados de marginais, os diferentes, os menos favorecidos, os não civilizados, os pobres, os negros, os índios, os do interior, os da periferia, etc. (TUNES, 2011, p.15)

Com essa exclusão causada pelos sinais do capitalismo, como é o caso da criação e expansão das favelas, do aumento da pobreza e da falta de emprego, nascem os excluídos, que vão se tornando ameaçadores, já que cada vez mais são segregados e acabam não sendo mais um atrativo econômico dentro da lógica capitalista.

É importante abordar o tema da exclusão social já de início, para podermos compreender a exclusão que acontece dentro dos espaços escolares, pois ela é consequência do cenário social que presenciamos dentro da nossa própria sociedade todos os dias, como afirma Illich (1979). É importante perceber que, não é somente a escola que promove as grandes intervenções que segregam os alunos, apesar de essa ter um papel fundamental nesse processo, mas são também as desigualdades presentes na nossa sociedade que influenciam e comandam diretamente o acesso às diversas formas de ensino, e atuam diretamente dentro delas.

Se por um lado existem os excluídos, que são aqueles que estão na margem da sociedade, também existe o oposto, aqueles que são considerados o padrão dela. Historicamente, e por diversas razões, esse padrão foi estabelecido pelas elites como sendo as pessoas brancas, ricas, cis, heterossexuais e etc.

A padronização da perfeição e do ideal não é estipulada apenas pela escola. Tunes (2011), afirma que o padrão é construído socialmente como um referencial a ser conquistado, ou seja, aqueles que não alcançam a pseudo perfeição estariam diretamente fadados ao fracasso, fazendo com que os diferentes sejam rotulados como defeituosos ou fora do normal. É importante ressaltar que, apesar de não ser exclusivo da escola a função de criar um ideal de perfeição, ela também cria e o reforça em grande parte.

Diante da realidade em que o aluno é segregado, os conteúdos são engessados, e a mentalidade escolarizada está presente e agindo, a criança não consegue se fazer ser humano em toda sua complexidade. Ainda dentro desses espaços educativos, o aluno é só mais um número na chamada. Todo esse engessamento faz com que as relações pessoais também sejam engessadas, desconsiderando o afeto, os sentimentos e ainda a diversidade, dentre outros atributos que ajudam o ser humano a se desenvolver em sua plenitude. A escola padronizou não somente a forma do aluno aprender, mas

também a forma como sentem, como interagem, como se relacionam e como lidam com toda a sua realidade social. Ao invés de transformar e de emancipar, a escola padroniza e reproduz as desigualdades sociais. (BOURDIEU, 1970).

1.3 Padronização e reprodução na escola

A escola foi criada para a classe dominante e é o cenário dessa realidade que ela adotou como modelo. Dessa forma, as crianças da elite se “sentem em casa” quando estão no ambiente escolar, pois a forma de pensar, de sentir e de agir, condiz com a sua realidade social. Já as crianças da classe trabalhadora, vivenciam a experiência escolar e as relações estabelecidas com ela de uma forma diferente, porque os seus valores e saberes são desprezados, para que no seu lugar, sejam ensinados os valores culturais das classes dominantes.

Dessa maneira, o sistema escolar tenta engessar o padrão da cultura elitista transformando a experiência escolar em uma tortura para os alunos que, dessa forma, não têm sua história e suas vivências valorizadas. De acordo com Bourdieu (1970), a escola é o espaço de reprodução das estruturas sociais, ou seja, perpetua-se a divisão de classes presente na nossa sociedade.

Na sociedade ocidental não escolhemos o caminho da escolarização, ele já está colocado para nós como forma de direito e assim, automaticamente, passamos a integrar um sistema escolarizado, que reforça através de seus mecanismos a ordem da estrutura social. Um dos dispositivos da escola mais eficientes na manutenção da ordem social é a sala de aula. Ela atua no sentido de uniformizar qualquer diferença que venha a existir dentro dela, além de reforçar hierarquias e gerar desigualdades.

Dentro da sala de aula de um espaço de mentalidade escolarizada há sempre uma hierarquia imposta: a do professor sobre o aluno. Ali, existe a figura de um professor que tudo sabe, em contraponto aos alunos que aparentemente não sabem nada. Dessa forma, a prática pedagógica se torna uma violência simbólica, conforme nos convida a refletir Bourdieu (1970), que se caracteriza pela imposição de uma cultura dominante sobre outra cultura.

Existe também uma separação seriada dos alunos dentro da escola, que os coloca na mesma faixa de idade, em uma mesma turma, ignorando qualquer

particularidade deles. Essa separação seriada supõe que todos vão conseguir se desenvolver da mesma forma, por causa da idade parecida ou igual, e ignora diversos fatores como a própria cultura ou até mesmo outros aspectos que envolvam o aprendizado desse aluno, como dificuldades que podem vir a existir e habilidades que podem ser totalmente diferentes.

Há diversas outras formas de padronizar esses alunos dentro da sala de aula, falando do seu âmbito institucional, como a criação de currículos, as táticas de reprodução dos conhecimentos, além das práticas pedagógicas e o ritmo imposto à turma. É nesse processo de padronização que, alguns alunos, vão sendo deixados para trás, vão se tornando os excluídos. É nesse mesmo processo que nascem os fracassados, que atribui aos alunos a culpa por não conseguir acompanhar os demais alunos da turma ao decorrer de um período letivo. No interior de uma sala de aula, ainda podemos encontrar diversas outras opressões e visões de mundo sendo expressas e reforçadas, como práticas machistas sendo reproduzidas às vezes de forma sutil, mas às vezes de forma bastante explícita, porém todas muito agressivas à formação das crianças, por exemplo quando proibem dentro da escola as meninas de jogarem futebol e os meninos de jogarem queimada. As autoras Campolina e Martinez (2011, p.36), nos convidam a refletir que “tal como acontece na sociedade contemporânea, a escola também caracteriza, por meios simbólicos, o que cabe à mulher e ao homem[...]”.

Ainda seguindo essa lógica de hierarquias, a escola faz a criança achar que os saberes pertencem unicamente aos adultos e cabem unicamente a esses a tarefa de transmiti-lo às crianças, naturalizando o processo de hierarquização dos saberes através da faixa etária (CAMPOLINA E MARTINEZ, 2011).

Há ainda, dentro dos espaços escolarizados, diversas outras práticas que ajudam na manutenção da estrutura social e ajudam a moldar o corpo e a mente do aluno de acordo com o interesse da escola, como afirma Foucault (1999), existem práticas ligadas à distribuição, como a disciplina, a divisão espacial dos alunos na sala, em que cada um possui um lugar pré-definido, geralmente em fileiras, que ajuda em seu controle e dominação, e que tem sua origem nos espaços militares. Existe também o controle das atividades, onde tudo acontece dentro de um horário previsto e estipulado que deve ser

plenamente utilizado, em que se evitam ações consideradas perturbações, como por exemplo ir ao banheiro ou beber água. Todas as atividades são direcionadas e todos os atos têm uma duração controlada.

Os alunos estão sempre em um suposto processo de aquisição de conhecimento e de constante avaliação, como as provas, os exercícios, os vestibulares, os estágios e etc... Os espaços escolares tentam naturalizar a ideia de que a reprodução dos exercícios cria, por si só, um bom aluno, e aquele que não é bom, é porque provavelmente não praticou o suficiente. Essas práticas nos levam ao que Foucault chama de processo de docilização dos corpos, em que esses corpos são vigiados, organizados, divididos, separados, e moldados de acordo com os interesses dominantes, no caso os da escola. Os corpos dóceis são então os corpos que vão “[...] ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. ” (FOUCAULT, 1999, p. 163).

Para entender e fazer uma crítica coerente aos processos de reprodução da escola é necessário entender a escolarização como um processo que está internalizado em nós. Os espaços educativos de mentalidades escolarizadas não olham o indivíduo como um ser único que possui necessidades particulares e que constrói seu conhecimento através do processo de relação social e cultural. Dessa forma, a escola é o lugar dos padrões, e das reproduções, e não um espaço de diversidade, de reconhecer o outro em suas particularidades, respeitando seu espaço, seu tempo, sua forma de ver e lidar com o mundo. A escola, de fato, não é o lugar da diferença, mas em contrapartida, é o lugar da desigualdade.

PARTE 2

Diversidade como princípio da existência e a lógica inversa da escola

No primeiro capítulo apresentei como a escola é um espaço opressor que se submete a padrões que servem para reproduzir a manutenção da estrutura social, que por sua vez é desigual e preconceituosa. Já neste capítulo abordarei a diversidade nos espaços educativos, para compreender se de fato, esses espaços, sendo mais específico, a escola, seria um lugar que abraça a diversidade. É importante abordarmos esses assuntos que são considerados tabus, na tentativa de desconstruir essas práticas opressoras, como nos convida a refletir Alice Itani (1998);

É certo que falar em preconceito, em realidade, tornou-se um tema tabu. A escola sempre foi considerada uma instituição de seleção e de diferenciação social e nos comportamos como se isso não existisse. Com isso estamos sempre em situações de fragilidades, de “estar pisando em ovos”, na prática escolar sem podermos romper com isso. É fato que não se pode negar a seletividade que está presente na prática institucional escolar e, por vezes, de caráter elitista. A vivência do preconceito pode ser notada pela prática da diferença, que é muito presente no cotidiano brasileiro. (ITANI, 1998, p. 120.)

É necessário dar visibilidade ao tema do preconceito e da opressão nos espaços educativos, para que não vire um tabu ou algo naturalizado, como a escola tenta impor. Preciso ressaltar que as opressões e os preconceitos dentro da escola são vários e se expressam de diversas formas e contra tudo que é diverso, como por exemplo, através da religião, raça, etnias, das diferenças físicas e intelectuais, das diferenças de gênero, da diversidade sexual e etc.

Coube à escola, desde seu início, a função de dividir as pessoas, seja separando os que a frequentam ou não, e, mesmo os que se submetem a ela

também são separados e diferenciados entre si. Dentro da escola, há muito tempo, as diferenças são transformadas em desigualdade e tratadas como tal;

A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou a separar adultos de crianças, católicos e protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. (LOURO, 2011, p. 61)

Dessa forma, percebe-se que a escola não se constituiu como um espaço de diversidade, muito pelo contrário, se estabeleceu enquanto instituição em cima de valores que cada vez mais separam e segregam, o que de fato é uma grande contradição, visto que a diversidade é a base da existência humana e deveria ser a base da educação. Para tentar exemplificar como a diversidade constitui a humanidade, voltaremos rapidamente na teoria do cientista Charles Darwin.

Em geral, quando se estuda a teoria de Darwin, é comum que olhemos para o princípio que diz, colocando de forma bastante simplificada, que o mais forte se sobressairá sobre o mais fraco. Vigotski nos convida a pensar diferente, ele desloca a centralidade desse princípio e afirma que a grande colaboração de Darwin não é a lei onde afirma que o mais forte sobreviverá, mas sim a noção de diversidade embutida nessa afirmação. É necessário para a constituição da humanidade que exista uma diversidade de espécies, já que se existisse apenas uma espécie sobre a terra, ela certamente não sobreviveria (PEDERIVA, 2017). Então, se a diversidade é o princípio que possibilita a existência da humanidade, porque a escola toma um padrão para si que tenta nos igualar? Se a diversidade nos torna seres tão ricos e possibilita nossas relações, porque a escola tem adotado métodos homogeneizadores que tratam todos como iguais para no final poder diferenciá-los de forma desigual? É de fato uma grande contradição que vem trazendo danos enormes à sociedade.

Ao invés de tomar a diversidade como princípio para se orientar, a escola delimita os seus espaços, dividindo, separando e classificando seus alunos através de suas hierarquias, produzindo a desigualdade em cima das diferenças individuais, da singularidade humana, e dos sujeitos imersos em

determinados grupos culturais. Essa produção de desigualdade faz com que o preconceito entre pessoas e grupos sociais faça parte, de forma pseudo natural, do nosso comportamento cotidiano.

Trabalhar com os preconceitos e diferenças dentro da sala de aula não é uma tarefa fácil, porém, é uma questão primordial e que precisa ser discutida. Itani (1998), afirma que a diversidade sócio econômica, sexual, religiosa, de gênero, raça, etnia, e vários outros pontos que fogem do padrão imposto pela sociedade, estão presentes nas nossas vivências e se manifestam cotidianamente nas nossas relações, já que são estas que nos constituem como seres humanos.

Ainda de acordo com Itani (1998, p.121) “o processo educacional, tal como ele se desenvolve, pode estar selecionando e colocando para fora muitos que não conseguem se defender”, ou seja, a escola expulsa de si os alunos que não se encaixam em seu padrão, e ainda estigmatiza aqueles que nela não estão inseridos, como por exemplo, é notável a diferença quantitativa de matrículas de alunos brancos e alunos negros, sendo que os alunos negros se encontram muito mais ausentes da escola por conta do racismo historicamente imposto por essa instituição.

Essas pessoas, além de sofrerem o racismo que os afasta da escola, quando de fato se afastam, são automaticamente taxados como "preguiçosos", "burros", e vários outros termos pejorativos que são destinados aqueles que não frequentam a escola. Além dos preconceitos que expulsam os alunos do sistema educacional escolar, ainda existe a necessidade de ter uma condição material e financeira para se manter nessa instituição ao longo da vida, pois quem não possui essas condições, está automaticamente excluído do padrão escolar.

Existem várias formas de expressar o preconceito dentro do sistema educacional, como o exercício cotidiano da linguagem, o olhar da diferença, através de alguns livros didáticos e várias outras ferramentas. Itani, (1998) usa o exemplo das atitudes e posições de meninas que não são consideradas femininas para ilustrar essa afirmação. Outro exemplo que a autora usa para demonstrar o preconceito na prática escolar é o uso da linguagem cotidiana carregada de expressões racistas como "a coisa ta preta" ou "pessoa de cor" para se referir a algo negativo e pessoas negras.

O olhar da diferença entre brancos e negros, homens e mulheres, homossexuais e heterossexuais, pobres e ricos, pode conter também a atitude de preconceito. Há formas diferentes com que essas práticas se desenvolvem conforme os lugares, bairros, cidades, regiões e etc. Se a escola é parte de um sistema institucionalizado de classificação social, ela reproduz de formas diversas e, por vezes, transfiguradas as hierarquias do mundo social com seus recortes que correspondem a estratos sociais. As divisões que se operam no ensino em especialidades e disciplinas refletem também infinitamente as divisões sociais. (ITANI, 1998, p. 123.)

É necessário se atentar ao fato de que a linguagem não é somente a expressão da nossa cosmologia, ou seja, da nossa visão de mundo, mas ela é parte fundamental para sua fundação. A antropóloga Mariza Peirano (2001), já nos alertava sobre a falsa dicotomia entre o dito e o feito, sobre o ato de falar e fazer (ou pensar), chamando atenção para o fato de que ambos andam juntos em um processo imbricado. Dessa forma podemos perceber que o ato de falar tem poder não somente de expressão, mas também de criação, e é aí que se encontra o perigo da linguagem que desejo abordar.

Apesar desse processo entre a fala e o pensamento ser imbricado, é importante ressaltar que não existe um elo primário entre eles, mas que isso não impede que andem juntos, como ressalta Vigotiski;

O pensamento e a palavra não são ligados por um elo primário. Ao longo da evolução do pensamento e da fala, tem início uma conexão entre ambos, que depois se modifica e se desenvolve. No entanto, seria errado considerar o pensamento e a fala como dois processos independentes, paralelos, que se cruzam em determinados momentos e influenciam mecanicamente um ao outro. A ausência de um elo primário não significa que uma conexão entre eles só possa estabelecer-se de uma forma mecânica. (VIGOTISKI, 1999, p. 149, 150)

Dessa forma, pode se perceber que a linguagem não somente expressa os preconceitos, mas também os cria, os reproduz, os reforça e os significa. Louro (2011), afirma que a linguagem além de ser um campo para formar a desigualdade, é o campo mais eficiente para isso, já que muitas vezes passa aos olhos como "natural". Para elucidar sua formulação, a autora traz o exemplo de uma regra ortográfica que reproduz um preconceito sexista e é passado de forma naturalizada. Mesmo que haja nove professoras em uma sala e apenas um professor, se referem ao grupo com substantivos masculinos, como "eles" ou "os professores". Além disso, também é usada a expressão "homem" para se referir tanto a homens quanto mulheres. Essas são regras linguísticas que claramente colocam a mulher em um patamar inferior ao homem, quando agem cada vez mais na intenção de ocultá-las. Essa é uma regra que está tão enraizada na nossa cultura, que é ensinada nas escolas como regra que não pode ser descumprida, e assim, se enraíza nas pessoas pelo resto de suas vidas.

Ainda construindo sua argumentação sobre a linguagem, a autora afirma que esta pode diferenciar os indivíduos e gerar desigualdades através dos adjetivos empregados e do grau usado;

Mas a linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, também pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas ao sujeito, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos ou comportamentos e os gêneros (do mesmo modo como utiliza esses mecanismos em relação as raças, etnias, classes, sexualidades etc.). (LOURO, 2011, p. 71.)

Vale reforçar que essa arma linguística para gerar a desigualdade não é usada apenas contra as mulheres, mas também contra as outras minorias sociológicas, como os negros, índios, a população lgbtt's e etc. ,

Se o uso da linguagem é uma ferramenta poderosa para garantir uma falsa normalidade, o seu não uso pode ser tão poderoso quanto. Tudo aquilo

que é taxado como diferente, como anormal, como fora do padrão imposto pela escola, é silenciado e deixado de lado, e essa atitude se naturaliza;

Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais – e da homossexualidade – pela escola. Ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda "elimina-los/as", ou pelo menos se pretenda evitar que os alunos e as alunas "normais" os/as conheçam e possam desejar-los. Aqui o silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da "norma". (LOURO, 2011, p. 71,72.)

Se os alunos considerados diferentes não forem reconhecidos pela escola e pelos professores, eles provavelmente irão ser reconhecidos pelos alunos como alvo de *bullying*. Esse silenciamento gerado pela instituição escolar faz com que eles se sintam só e fiquem cada vez mais frágeis, os obrigando a tentar se encaixar em um falso padrão de normalidade para tentar simplesmente existir nesse espaço.

Para esses alunos taxados de forma negativa como “diferentes” ou “anormais”, existir no espaço escolar é uma luta árdua e que tem que ser travada diariamente. Conviver dentro da escola, sendo invisível, excluído, e até com medo, são coisas que não se pode mais aceitar. É chegado o momento de mudar a lógica das coisas, de colocar a escola de ponta cabeça, de investigar e criticar qualquer prática opressora que possa estar sendo reproduzida. É chegado o momento de a escola reconhecer, e mais do que isso, celebrar a diversidade.

PARTE 3

Uma reflexão sobre as práticas escolares

O primeiro capítulo trouxe a reflexão de como a escola tenta se apropriar da educação e como a obrigatoriedade escolar pode impedir o aprendizado, trago ainda autores que debatem sobre como a escola não somente é um espaço de padronização e monopolização do ensino e da educação, como também é um espaço que foi criado para a classe dominante, segregando e diferenciando as pessoas no geral. Já no segundo capítulo, trago a reflexão de como as pessoas que são consideradas “diferentes” fazem parte do princípio da existência constituindo a sociedade atual em que vivemos.

Tendo como base todos esses assuntos tratados nos dois capítulos anteriores, juntamente com os autores citados, as obras escolhidas e minha bagagem histórico/cultural enquanto homossexual oriundo de uma periferia e pedagogo em atuação, tentarei nessa parte da pesquisa, levantar reflexões e relatar a minha experiência na prática, sobre a diversidade nos espaços educativos.

É importante ressaltar que por conta da minha orientação sexual, da minha classe social e também dos espaços educativos de mentes escolarizadas e métodos tradicionais e conservadores em que estudei, vivenciei de perto todos os danos que a opressão e a exclusão da diversidade dentro da escola é capaz de causar, e isso afeta de forma direta minha participação nessa pesquisa, seja pelo tema que escolhi observar, pelo espaço que escolhi fazer isso e também a forma como lido com esse assunto.

Meu primeiro contato como educador e organizador social dos espaços educativos foi na instituição “Casa de Ismael – Lar da Criança”. Um espaço de

acolhimento, cuidado e educação para crianças, jovens e adolescentes que estão em situação de risco e vulnerabilidade social. Dentro dessa instituição, funciona uma escola de educação infantil, que atende não somente às crianças assistidas pela casa, mas também as crianças das periferias ao redor, já que se localiza na capital do DF. Cheguei até a Casa de Ismael através do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Educação “PET-EDU” na Universidade de Brasília. Escolhemos atuar nesse espaço, porque ali se encontram crianças em situação de risco que necessitam não somente de cuidado, como também de um olhar sensível.

Por estarem nessa situação, essas crianças estão desde cedo sujeitas a opressão e a invisibilidade diante a sociedade, sendo impedidas de serem reconhecidas como seres de possibilidades, já que os espaços de mentes escolarizadas foram pensados para a realidade da elite;

Uma educação “não comunicativa”, como ressalta o referido autor, “que não comunica. Faz comunicados, coisas diferentes” (FREIRE,2014,p.123), e que ainda hoje encontramos nas instituições de Educação Infantil, com atividades “planejadas” sem se levar sequer em consideração a história, o contexto social e a própria condição de vulnerabilidade social em que se encontram essas crianças. Condição essa que se torna naturalizada e impede que elas sejam reconhecidas como seres humanos de possibilidades, uma vez que ainda persiste fortemente no imaginário social a perspectiva de crianças de classes menos favorecidas adjetivadas de carentes, como seres de falta.

Essa invisibilidade a que estão sujeitas essas crianças no contexto de educação, pressupõe-se relacionada ao caráter hegemônico do neoliberalismo exacerbado da nossa sociedade capitalista, que não se alinha a uma perspectiva de educação transformadora, de inclusão social e de visibilidade aos menos favorecidos. (Martins, 2017, p. 126)

Minha atuação aconteceu na Educação Infantil, em uma turma de primeiro período, com crianças de quatro a cinco anos. O tempo é integral, as

crianças chegam por volta das sete e meia da manhã e vão embora entre cinco e meia e seis da tarde. Atuei nessa turma durante o ano inteiro de dois mil e dezessete.

A divisão de turmas é seriada, ou seja, as crianças são divididas e agrupadas de acordo com suas idades respectivas, o que se caracteriza como uma forma de agrupamento que pode ser bastante opressora e controladora, já que limita a vivência dos alunos a aqueles que estão em sua mesma faixa etária, e limita suas relações com os demais alunos; De acordo com as autoras;

É necessário, portanto, apontar que o balizamento interno da escola é um dos dispositivos mais poderosos e sutis que ela emprega para manter a ordem social: a uniformização das diferenças. Contudo, o balizamento idade-série não constitui o único dispositivo simbólico e cultural da escola. A sala de aula como microcosmo, também apresenta e reproduz visões de mundo, papéis sociais de gênero, representações sociais sobre ser adulto ou ser criança. (CAMPOLINA E MARTINEZ, 2011, p.36)

Percebo que a Instituição segue com bastante rigor a rotina diária das crianças, como o horário de lanche, dormir, escovar os dentes, lavar as mãos, almoçar e jantar, porém acabam se esquecendo de levantar projetos para tratar as questões não só da diversidade, mas também da liberdade dentro do espaço, ou seja, percebo que as crianças daquele espaço ainda vivem métodos tradicionais que os proíbem desde ir ao banheiro, até poder participar de uma atividade que está sendo trabalhada no pátio ou na quadra.

Ainda sobre a sala de aula, é importante lembrar que de fato, esta pode apresentar visões dominantes que restringem o que é ou não ser criança. Em certo momento durante minha observação pude presenciar uma cena em outra turma da escola, uma de 2º período, em que a educadora, figura central dentro da sala de aula, reprimiu um grupo de crianças por estarem cantando *funk*, alegando que aquilo não era música de criança e também não era música para

ser cantada naquele espaço, o que mostra que, há a tentativa de descolara as crianças da sua cultura. Esse ocorrido foi discutido em uma coordenação coletiva, e pouco tempo depois os alunos apresentaram uma dança ao som de *funk* ao final da festa junina da escola. Abro aqui um parêntese para ressaltar a tamanha importância das coordenações, e a necessidade de que se debata sobre a diversidade nesses momentos.

Presenciei diversas vezes as monitoras responsáveis pela turma se omitindo em relação aos assuntos que questionavam as relações de gênero. Um bom exemplo disso, foi quando uma menina tomou duas bonecas da mão de um garoto, alegando que aqueles eram brinquedos de meninas. Tendo presenciado toda a cena, a monitora da turma se omitiu e apoiou a atitude permitindo que o garoto não pegasse a boneca. Portanto, Louro afirma que:

É importante notar, no entanto que, embora presente em todos os dispositivos de escolarização, a preocupação com a sexualidade geralmente não é apresentada de forma aberta. Indagados/as sobre essa questão, é possível, que dirigentes ou professores/as façam afirmações do tipo: “em nossa escola nós não precisamos nos preocupar com isso, nós não temos nenhum problema nessa área”, ou, então, “nós acreditamos que cabe à família tratar desses assuntos”. De algum modo, parece que deixar de tratar desses “problemas” a sexualidade ficará fora da escola. É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz. (LOURO, 2011, p.84).

No entanto, apesar dos esforços dos profissionais envolvidos e bastante dedicados, é notável a dificuldade que ainda se têm de fugir de uma educação conservadora e fica evidente nos profissionais, os resquícios de uma educação falida que também os afetou e ainda os marcam enquanto organizadores da educação.

Naquele espaço, eu sou o único educador do sexo masculino e homossexual atuante. Isso me fez perceber o quão a feminização da docência ainda é presente na nossa sociedade. As crianças sempre achavam engraçado todas as vezes que eu usava uma touca higiênica no horário das refeições, e com exceção de algumas profissionais que se esforçavam para desconstruir esses paradigmas de gênero, na maioria das vezes senti falta do apoio das demais monitoras e algumas educadoras em relação a essa questão. Era notável também o olhar de estranhamento dirigido a mim pelos pais das crianças, creio que pelo fato de ser o único educador de sexo masculino atuando na educação infantil da instituição, ou seja;

A escola reflete o sexismo que permeia toda a sociedade [...] O problema do preconceito de gênero, que afeta meninos e meninas, homens e mulheres, nas salas de aula ou no espaço escolar, tem base em um sistema educacional que reproduz, em alguns momentos, as estruturas de poder, de privilégios de um sexo sobre o outro em nossa sociedade e aparece até mesmo nos livros didáticos e nas relações escolares (Rosemberg, 1989; Pinto; Negrão, 1990). (Vianna e Ridenti, 1998, p.102).

A escola de fato atua como um microcosmo da sociedade, onde todas as desigualdades aparecem de forma bastante acentuada e perceptível, como as de gênero. A instituição escolar é um local onde os papéis de gênero (e de orientação sexual), são muito bem demarcados e onde ninguém ousa tentar quebrar esse padrão.

Tratando sobre a questão racial, existe uma frase famosa da pensadora Angela Davis que diz “Em uma sociedade racista, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”, trago essa frase para relatar que mesmo com uma grande quantidade de alunas e alunos negros na Casa de Ismael, não presenciei nenhum debate, nenhuma atividade lúdica, nenhum projeto ou algo relacionado, que trate sobre o assunto. O que quero dizer é que o preconceito racial existe, e se a instituição se calar diante disso, ela estará automaticamente colaborando com esse preconceito.

Em conversas trocadas com algumas educadoras da instituição, pude descobrir que estas concluíram suas formações em instituições privadas, que tendem a reduzir a educação a uma lógica mercadológica, ou seja, uma educação vendida para esses profissionais que é pouco reflexiva e bastante conservadora.

É necessário entender que o processo de escolarização é tão perverso e enraizado dentro de nós, que ainda reproduzimos diversas práticas escolarizadas sem sequer nos darmos conta. Usarei uma metáfora para tentar explicar o quão perigoso e naturalizado é o processo da escolarização. A escolarização está para nós ocidentais assim como o etnocentrismo está para nós também, como uma lente que se tem muita dificuldade de retirar. Sempre que pensamos em educação pensamos em escola, assim como quando pensamos em sociedade nos remetemos à sociedade ocidental, ou seja, a nossa. Illich, (1979) já dizia que a escola monopolizou tanto a educação a ponto de confundirmos uma com a outra, e a ponto de levarmos as práticas opressoras da escola para dentro de qualquer contexto educacional de forma naturalizada.

Percebo no meu campo que, sempre que há alguma atividade proposta às crianças, há uma grande dificuldade em deixar que estas executem as atividades da sua forma e no seu tempo. Há sempre um esforço em tentar ensinar às crianças a “melhor” maneira de fazer alguma atividade, sendo que, a “melhor” maneira é sempre relativa e parte de uma construção individual de cada um. Dessa forma, nós pegamos as práticas controladoras e padronizadoras que foram impostas pela escola e as transformamos em supostas práticas pedagógicas dentro de qualquer contexto educacional.

Estou a mais de um ano atuando dentro dessa instituição, e nesse tempo venho me deparando com expressões, linguagens, olhares, e algumas atitudes que considero opressoras, o que quero dizer, é que na prática, mesmo em um espaço onde a proposta seria diferente das escolas tradicionais, podem existir mentes escolarizadas que reproduzem os preconceitos.

Para discutir a exclusão escolar é necessário entender que essa não se dá somente na escola, e sim através de um conjunto de relações de poder que acontecem dentro e fora dela. É necessário que a escola se antecipe e perceba

que a diversidade de alunos que à compõe está sujeita a ser oprimida, ou oprimir, seja dentro ou fora da escola e, portanto, é papel da escola, enquanto ferramenta de desenvolvimento dos alunos, prepara-los para lidar com esse tipo de situação.

No caso específico do meu campo, onde os alunos estão em sua grande maioria em situação de fragilidade socioeconômica, é de se esperar que esses alunos se encontrem fora do padrão exigido pela sociedade moderna, e que por isso sofram com as consequências da exclusão social, que se arrasta pra dentro da escola. Portanto;

O desafio não é tentar incluir os excluídos, mas sim incluir a diversidade como condição humana. O desafio é incluir, na sociedade, o enfoque na aprendizagem individual e não na soberania do ensino imposto, competitivo, classificatório e padronizador. Estamos perdendo tempo com a inclusão dos “diferentes” dentro da fabricação de “iguais”. (TUNES, 2011, p.26)

Fica claro que, somente incluir os “excluídos” dentro da escola não é de longe o necessário. De pouco adianta matricular esses alunos na escola se lá dentro eles irão se deparar com as relações de poder que encontram fora dela. Se estamos dispostos a pensar uma educação que transcenda as opressões cotidianas é necessário pensar uma educação que fuja dos padrões conservadores e converse com a realidade dos alunos.

Se existem alunos negros, é necessário que se debata e pense práticas anti-racistas, se existem alunas, é necessário que se pense práticas contra o machismo e em favor da desconstrução de gênero, e mesmo fora dos grupos historicamente oprimidos, é necessário pensar em uma educação individual e artesanal que sirva para todos os alunos como uma ferramenta de desconstrução das relações de poder que existem na nossa sociedade.

A escolarização, um processo típico da educação nas sociedades contemporâneas, herda o papel de transmissão cultural como também as possibilidades de

prover o desenvolvimento dos seres humanos em sua condição subjetiva. (TUNES, 2011, p.37)

Se foi atribuída a escola essa função, então é necessário que essa faça isso da melhor forma, e não ensinando disciplina, regras ou padrões. Resumindo, é necessário que a escola tenha o papel transformador de transmitir uma cultura que tenha como base a diversidade e a tolerância, e para isso é essencial que a escola não se cale e se imponha sobre qualquer ato de opressão.

CONCLUSÃO

Nesse trabalho de conclusão de curso, após as reflexões levantadas acerca da diversidade e da educação, concluo que a escola é um espaço onde deveríamos construir nossas relações de aprendizado, respeitando sempre a diversidade. No entanto, a escola com seus padrões e seus currículos engessados e ultrapassados, tenta fazer parecer que a educação só pode acontecer dentro dela e da sua maneira, que além de rigorosa, não se ajusta aos seus alunos e ainda tenta impossibilitar qualquer tipo de aprendizado que venha a existir através de outras relações que não seja à escolar.

A instituição escolar internaliza um sentimento de dependência na sociedade, e, além disso, ainda tenta tomar para si tudo o que é importante na vida de uma pessoa. Essa, ainda vigia, puni, e esquadrinha seus alunos, na esperança de que ao final todos saiam iguais, padronizados, e que se contentem com a estrutura desigual em que vive a sociedade.

A escola vem reforçando e impondo, ao longo da sua existência, um processo de padronização que se afasta da diversidade, seja na forma de pensar, de ser, de sentir, ou simplesmente de existir. Essa, ainda vem oprimindo, silenciando e excluindo todos aqueles que não se encaixam no seu

padrão de normalidade, através das suas práticas opressoras que se perpetuam ao longo dos anos e que tenta se fazer parecer natural aos olhos de quem vê.

Portanto, essa pesquisa me fez perceber o quão a nossa educação ainda é precária, e reprodutora de padrões e preconceitos. Em meu campo, percebi que a diversidade precisa ser aceita e celebrada dentro da escola. Todas as práticas que possam silenciar, invisibilizar e oprimir a diversidade que constitui os seres humanos, precisam ser discutidas e tratadas de forma mais incisiva, e que devem constituir a base da escola. Ainda mais dentro de um espaço como a CASA DE ISMAEL-LÁR DA CRIANÇA, uma instituição que já tem como objetivo principal atender crianças em vulnerabilidade socioeconômica, e que por isso, somada as diversas outras diferenças individuais, são oprimidas diariamente.

PERSPECTIVAS FUTURAS

- Pretendo, com essa pesquisa, poder colaborar para diversos outros trabalhos que ainda serão produzidos sobre educação, escolarização e diversidade.

- Espero que na minha atuação como educador, essa pesquisa seja apenas o começo de uma longa caminhada e que eu consiga perceber todo processo de escolarização e opressão ao qual tenho dito, para nunca fazer parte desse processo de padronização e exclusão dos grupos historicamente oprimidos nos espaços educativos.

- Pretendo ainda, a partir dessa pesquisa, fazer parte do programa de mestrado, para desenvolver e aprofundar ainda mais essas reflexões.

- E por último, desejo que a educação seja livre e abrace a diversidade.

BIBLIOGRAFIA

- BOURDIEU, Pierre. *A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. RJ: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1970.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- ILLICH, Ivan. *Sociedade sem escolas*. Petrópolis, Vozes, 1979.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011
- MARTINS, Maria Aparecida Camarano. A criança como ser de possibilidades: por uma educação da infância histórico-cultural. In: Patrícia Lima Martins Pederiva, Tatiane Ribeiro Moraes de Paula, Daniela Lobato do Nascimento. *O ato estético: Conversas sobre educação, imaginação e criação na perspectiva histórico-cultural*. Curitiba: CRV, 2017.
- PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. *Relato Pessoal*, 2017.
- PEIRANO, Mariza. *O dito e o feito*. São Paulo, Relume Dumara, 2001.

- TUNES, Elizabeth. É necessária a crítica radical à escola? TUNES, Elizabeth. PEDROZA, Pinto Lilia. O silêncio ou a profanação do outro? CAMPOLINA, Luciana de Oliveira. Martínez, Albertina Mitjans. A escola em sua dimensão reprodutiva: possibilidades e limites de inovação na educação. In: TUNES, Elizabeth. *Sem Escola, Sem Documento*. Rio de Janeiro: e-papers, 2011.
- VIANNA, Cláudia. RIDENTI, Sandra. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. ITANI, Alice. Vivendo o preconceito em sala de aula. In: Aquino, Julio Groppa. *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

“Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra.”

Anísio Teixeira